

VISÃO DO CORREIO

A tela que não desliga em casa

A escola sempre foi o lugar em que a sociedade delega o que não sabe resolver em casa. Foi assim com a educação sexual, com a saúde alimentar, com o bullying. Desta vez, é a vez das telas. Afinal, a coincidência entre a explosão do uso de smartphones e a deterioração do bem-estar juvenil deixou de ser uma hipótese para se tornar um consenso científico. A questão agora não é mais se as telas fazem mal. É o que fazer a respeito.

A pesquisa TIC Educação 2025, lançada nesta semana pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), ligado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil, com base em entrevistas com mais de 2,4 mil gestores escolares, revela um dado que merece atenção: oito em cada 10 escolas brasileiras já incluíram em sua agenda o debate sobre o impacto das tecnologias digitais na saúde mental dos estudantes. O número representa um salto de 18 pontos percentuais em apenas um ano e reflete uma realidade áspere: as instituições de ensino estão tentando administrar os sintomas de uma crise comportamental que ultrapassa seus muros. A restrição do uso de celulares nas salas de aula, que começou no início do ano passado, foi uma medida necessária e correta. Tratar esse banimento como solução definitiva, no entanto, é uma perigosa ilusão.

Impedir a presença de smartphones durante o turno letivo estanca a desatenção imediata e força o convívio social no pátio. Contudo, o esforço pedagógico esbarra no vácuo de limites quando, ao fim das aulas, o aluno retorna a um ecossistema doméstico de telas irrestritas, muitas vezes utilizadas como ferramentas de conveniência por adultos exaustos em busca de silêncio. Os

efeitos colaterais desse hiperestímulo trazem-se em distúrbios crônicos de sono, ansiedade, apatia física e deficit de aprendizado. Confiscar o aparelho por algumas horas passa longe de ser solução.

A pesquisa do Cetic.br indica que o ambiente escolar tenta assumir esse protagonismo. Em 2025, 75% dos gestores convocaram pais e responsáveis para discutir o impacto das tecnologias, ante 60% no ano anterior. O debate sobre o uso seguro e crítico dos recursos digitais saltou de 56% para 75% nas pautas escolares. Há, porém, um gargalo estrutural. As ações preventivas são profundamente desiguais: prevalecem nas escolas urbanas e naquelas com melhor infraestrutura de conectividade, deixando as regiões mais vulneráveis duplamente expostas.

O dado mais revelador da pesquisa, porém, está nos obstáculos: 75% dos gestores que realizam ações de educação digital apontam a baixa participação das famílias como o principal entrave. É um diagnóstico que aponta onde o problema realmente mora. As escolas e os professores têm papel fundamental ao frear a invasão dos dispositivos no momento do estudo, mas não têm prerrogativa nem meios de reeducar as famílias. A terceirização da disciplina digital para o corpo docente é uma omissão cujos custos já estão sendo cobrados no desenvolvimento das novas gerações.

O poder público pode formular diretrizes e a escola deve aplicar restrições rigorosas. Mas o exercício prático da moderação e o monitoramento de conteúdo são deveres indelegáveis de quem cria. A proteção da integridade mental dos jovens não será garantida apenas por regimentos escolares. A linha de defesa contra os excessos do mundo digital precisa, obrigatoriamente, começar dentro de casa.



ROBERTO FONSECA

robertofonseca.df@dabr.com.br

Protagonismo eleitoral

Encerradas as convenções partidárias, a campanha presidencial que se inicia daqui a nove dias começa a ganhar forma. Entre os temas que passam a disputar espaço no debate aparece um assunto que, em outras eleições, costumava ficar restrito a perguntas isoladas em debates, sem aparecer na propaganda eleitoral no rádio e na televisão: a política externa. Desta vez, porém, o acirramento das relações entre Brasil e Estados Unidos ameaça romper essa barreira e influenciar diretamente a corrida pelo Palácio do Planalto.

A restrição ao visto da embaixadora brasileira em Washington, Maria Luiza Viotti, em uma tentativa do governo americano para acelerar o agrément do diplomata indicado pela Casa Branca para trabalhar no Brasil é mais um ingrediente em um ambiente já desgastado desde que Donald Trump anunciou tarifas extras sobre produtos brasileiros no ano passado. Ao justificar a medida, em carta divulgada, o presidente americano relacionou a decisão ao tratamento dado pela Justiça brasileira ao ex-presidente Jair Bolsonaro no processo por tentativa de golpe de Estado. Ou seja, trata-se de retaliação na mais pura essência.

Na ciência política, há uma percepção consolidada: quando um país interfere em questões internas de outro, cresce a tendência de reação em defesa da soberania. Nem sempre importa se essa interferência existe de fato. Basta que ela seja percebida para despertar um sentimento nacionalista entre parte do eleitorado.

As pesquisas mais recentes sugerem que esse movimento já está em curso. Levantamento da Atlas/Intel, divulgado semana passada, mostra que 53% dos brasileiros consideram provável uma tentativa de

Trump de influenciar a eleição presidencial deste ano. Outra sondagem, realizada pelo Meio/Ideia, no entanto, indica que o presidente americano tem pouca capacidade de transferir apoio eleitoral no Brasil. Para 45% dos entrevistados, um eventual endosso não altera a intenção de voto, enquanto apenas uma fatia reduzida avalia essa manifestação de forma positiva.

Os números da Meio/Ideia revelam ainda outro aspecto relevante. Mais da metade dos brasileiros defende que a escolha do próximo presidente seja feita exclusivamente pelos eleitores do país, sem influência de governos estrangeiros. Trata-se de um ponto que costuma atravessar divisões ideológicas e reunir cidadãos de diferentes campos políticos em torno da defesa da autonomia nacional.

É previsível que Lula tente explorar esse ambiente. O discurso de defesa da soberania se encaixa na narrativa de resistência a pressões externas. Para a oposição, o contexto é mais delicado. Enquanto permanecer a percepção de que Washington busca influenciar o cenário político brasileiro, qualquer aproximação com Trump tende a produzir ganhos limitados e até gerar desgaste. O quadro se torna mais sensível diante do esfriamento das relações com a Argentina de Javier Milei.

Tradicionalmente, as eleições presidenciais no Brasil são definidas por temas ligados ao cotidiano da população, como inflação, emprego, renda, saúde e segurança pública. Não deixará de ser assim em 2026, mas é fato que a política externa conquistou um protagonismo incomum. Deixou de ser um tema periférico e estará presente, de forma inédita, no debate eleitoral brasileiro.

APOSTAS TIRARAM R\$ 62,5 BILHÕES DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS EM 2025



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Pedidos de socorro

A maior tragédia não é apenas a morte de uma criança. É saber que ela implorou para ser ouvida e foi ignorada por um sistema que insiste em tratar crianças como objetos de disputa, e não como sujeitos de direitos. A injustiça brasileira continua privilegiando uma visão fria e burocrática do dierito de família, muitas vezes preocupada em garantir o direito dos adutos, enquanto silencia o medo, o sofrimento e a voz de quem mais precisa de proteção. Quantas mães são rotuladas como praticantes de alienação parental apenas por denunciarem situações de risco e tentarem preservar a vida e seus filhos? Quantas são desacreditadas, humilhadas e punidas por insistirem que seus filhos não querem voltar para um ambiente onde se sentem ameaçados? Até quando a palavra de uma crinça será considerada irrelevante diante da conveniência de um sistema que preresfe desconfiar de quem protege a vida em perigo? Quando uma criança pede socorro e ninguém escuta, não é apenas um pai que falha. Falha a Justiça. Falha o Estado. Falhamos todos.

» **Julianna Afonso**
Brasília

Brasil X Argentina

Chanceler argentino diz não ter provas para confirmar acusação de Milei contra o Brasil. Diante disso, o governo brasileiro deveria pedir a suspensão da Argentina do Mercosul e deixar o presidente argentino pagar o imposto cheio sobre as importações e exportações de produtos brasileiros. Quero ver se os Estados Unidos vão ajudá-lo.

» **Alexander Louzada**
São Paulo

Códigos

Não conseguimos mudar a nossa mente como o escultor lapida o mármore bruto para construir sua obra, como o usuário de computador que apaga seus arquivos. Não é possível mudar as características da personalidade ao bel-prazer; caso contrário, os psiquiatras e psicólogos estariam desempregados do dia para noite. Se por um lado não podemos mudar os fundamentos de nossa personalidade, por outro, temos no Executivo, no Judiciário e no Legislativo, com algumas exceções, autoridades que não decifram os Códigos de Ética, de proibidade, de moralidade e decência. Os códigos citados são os alicerces das inteligências múltiplas do homem público.

» **Renato Mendes Prestes**
Águas Claras

Eleições

Ao ler o que disse o candidato Lula sobre cuidar dos idosos e das mulheres (edição do **CB** de 3 de agosto), fiquei ainda mais preocupado. Nesse terceiro mandato, o filho dele junto com outros envolvidos no escândalo do INSS já não cuidaram dos idosos, principalmente aposentados e pensionistas? Será que querem efetivamente deixar os idosos morrerem à míngua caso resolvam outra vez cuidarem dos salários dos aposentados e pensionistas? E quanto às mulheres, por que nunca cuidaram delas, ou elas só agora, na época da eleição, é que passaram a existir? Lamentável.

» **Joanir Weirich**
Asa Sul

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || **3214-1157**

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Donald Trump está conflitando com o mundo todo, não só com o Brasil. O objetivo dele é mesmo desestruturar as nações que se curvem aos EUA, que estão com a economia quebrada.

Luiza Fernandes — Brasília

Anúncio do vice: “Se não tem tu, vai tu mesmo.”

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Vão dizer que Cuba é pobre por causa dos embargos. Mas não sabem que, para ser rico, precisa primeiramente produzir algo. Se a desculpa fosse os embargos, por que Cuba não venderia para Rússia e China, por exemplo?

Jordelino Santos — Goiás

Alô, CEB! A empresa não tem um sistema pra saber onde tem luz acesa durante o dia. Na última quarta-feira, ao meio-dia, havia dezenas de luzes acesas no Eixão Sul, sem equipe de manutenção na área.

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

Um homem sai de casa e esfaqueia criança desconhecida. Outro ameaça passageiros de um ônibus também com uma faca. Faz o quê? Deixa de sair de casa para estudar e trabalhar?

Fábia Santos — Taguatinga

“Dissabores” judicial

Seis anos de prisão por um crime que jamais cometeu. Inocentado pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ), o cidadão buscou reparação pelo erro que lhe roubou a liberdade. Ao julgar o pedido, a 7ª Câmara de Direito Público do Rio de Janeiro negou a indenização. O desembargador Marco Antônio Ibrahim, relator, afirmou que a parte está sujeita a “dissabores” decorrentes da atividade jurisdicional e acrescentou: “A atividade judiciária erra todo dia. Eu erro todo dia. Quando trabalho muito, erro muito. Quando trabalho pouco, erro pouco. E, quando estou de férias, não erro.” Tratar seis anos de prisão injusta como um risco normal da Justiça é uma reflexão que dispensa comentários. Prefiro encerrar com Leonardo da Vinci: “Quem pouco pensa, muito erra.”

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nasce os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotograficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br